



GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) -
 Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) -
 Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira
 (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -
 Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) -
 Debatedor/a, Lara Beleli (Núcleo de estudos de
 Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a

A antropologia das emoções vem se consolidando como área autônoma no Brasil há cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de temáticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as temáticas ligadas a áreas da vida associadas à dimensão "privada" e as temáticas vinculadas ao "mundo público". Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, à sexualidade ou a saúde/doença; para as segundas, listamos os movimentos sociais, a violência ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avançar na superação dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco já canônico de temáticas passíveis de abordagem pela antropologia das emoções, novos problemas concebidos sob a égide da reflexão sobre essa dicotomia. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções e instituições/práticas estatais; b) emoções e políticas públicas; c) emoções, moral e formas do cuidado; d) emoções, violência e vitimização; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emoções; h) emoções, gênero e sexualidade; i) emoções e experiências de saúde/doença.

Apercepção sociológica e sedução etnográfica na criação de teoria etnográfica sobre a violência

Autoria: Marco Julián Martínez Moreno

A partir do diálogo entre antropologia e psicanálise, este work propõe uma reflexão sobre a tensa relação entre posição social e o "estado interior" do antropólogo e seus interlocutores no campo de pesquisa com a produção de teoria etnográfica acerca da violência. Tendo em conta postulados de Louis Dumont sobre uma teoria da hierarquia e de Luiz Fernando Dias Duarte sobre as fontes românticas da antropologia no Ocidente, argumenta-se que os pesquisadores sobre contextos e narrativas da violência, os quais são portadores da ideologia individualista (como outros agentes politizados e engajados com causas de direitos humanos), não conseguem perceber a eficácia simbólica e afetiva das narrativas de vítimas e agressores sobre sua própria experiência. Em outras palavras, o antropólogo não é consciente da afetação emocional na qual está envolvido, sendo assim "seduzido" pelo discurso manifesto dos seus interlocutores durante suas etnografias, como argumenta Antonious Robben. A partir da experiência etnográfica e analítica do autor deste work no processo de responsabilização de homens agressores no marco da Lei Maria da Penha no Rio de Janeiro, argumenta-se que a sedução etnográfica privilegia uma leitura individualista das categorias de gênero, parentesco e sobre a emoção emergentes no campo sobre a violência. Disto derivam os imperativos ideológico da criação de empatia e político de dignificação das vítimas, cujo discurso vira uma verdade etnográfica irrefutável para o pesquisador. O privilégio individualista também tem como consequência a construção de ser carente ou faltante de valores de um ethos privado e civilizado, quando o pesquisador tem o desafio emocional e analítico de "levar a sério" a posição do agressor (sobre o qual quase sempre há um véu de dúvida). Aponta-se que a diferença no estatuto de legitimidade de cada narrativa dos protagonistas da relação violenta dá conta de diferença epistemológica de ordem afetiva por parte do pesquisador, que determina a natureza do conhecimento gerado em campo e que não permite a construção de teoria etnográfica (ver Malinowski ou Goldman) acerca da violência.



[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

